

Wilson Guilherme

**A CASA DO  
MACHISMO EM ALTA  
RESOLUÇÃO**

## A porta de casa<sup>1</sup>

Tenho dialogado em sala de aula com adolescentes do ensino médio de escolas públicas brasileiras sobre os efeitos nefastos da intersecção entre patriarcado e tecnologias, em especial aquelas que articulam inteligência artificial e a circulação de nudes. Foi a partir desse recorte que escolhi desenvolver o texto, trazendo para a discussão o fenômeno conhecido na literatura como *deepnudes*.

Antes de avançar no tema, contudo, gostaria de situar o lugar desta escrita. Inspirada em ensaios de um dos meus autores favoritos dos estudos *queer*, Paul Preciado<sup>2</sup>, destaco que as reflexões aqui reunidas não têm a pretensão de serem conclusivas, nem de oferecer soluções definitivas. São, antes, um esforço de condensar em palavras algumas conversas feitas com adolescentes, reconhecendo que, assim como no processo educativo freireano<sup>3</sup>, o pensamento não é linear nem rígido. Por isso, não espere deste texto a forma convencional de um artigo acadêmico.

Para começar, como quem abre a porta do primeiro cômodo da casa, é preciso lembrar que nossa “casa” — a sociedade — está alicerçada em regimes patriarcais. O patriarcado é uma forma primitiva de organização social na qual os homens exercem poder de dominação sobre a comunidade, sustentados pela alegação de serem pais, provedores e mestres da família, célula base de toda coletividade.

Como bem explica Tamires Marinho,<sup>4</sup> o patriarcado é uma estrutura de poder que parte das relações familiares, hierarquizando e organizando os sujeitos a partir da representação do homem-marido-pai. Tais relações, para a autora, se fortalecem especialmente a partir do advento da propriedade privada, analise essa que se relaciona diretamente com Simone de Beauvoir,<sup>5</sup> que também defende o patriarcado

---

<sup>1</sup> Wilson Guilherme ([wilguidireito@gmail.com](mailto:wilguidireito@gmail.com)) é amazônida-rondoniense, Mestre em Direitos Humanos e Desenvolvimento da Justiça pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Fundadora e Diretora do Centro de Pesquisa e Ativismo de Rondônia sobre Tecnologia, Estado e Sociobiodiversidade (C-PARTES) e Pesquisadora no Instituto de Referência em Internet e Sociedade - IRIS. LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/wilsonguilhermedias/>

<sup>2</sup> PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: Crônicas da travessia. ZAHAR, 2019, p. 330.

<sup>3</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 9./10. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024, p. 256.

<sup>4</sup> MARINHO, Tamires. O estado de sujeição da mulher como um discurso de consentimento para crimes e violência de gênero. *Blogueiras Feministas*. 21 de jan. de 2018. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2018/01/o-estado-de-sujeic%CC%A7a%CC%83o-da-mulher/>>. Acessado em: 05 out. de 2025.

<sup>5</sup> BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

enquanto advento do capitalismo, que transferiu o poder social e econômico aos homens e reduziu as mulheres à condição de propriedade, assim como os filhos, os animais e as terras.

Independentemente de sua origem — anterior ou simultânea ao capitalismo — é inegável, a partir da análise das posições sociais, que o patriarcado se configurou ao longo da história como uma estrutura de opressão fundante das relações humanas, determinando comportamentos, lugares sociais e até mesmo os horizontes de sonhos e objetivos possíveis.

Dessa dominação emergem as violências de gênero, sustentadas pela ideia de inferiorização das mulheres. A preservação desse *status quo* depende da reprodução de violências psíquicas, físicas, simbólicas e sexuais. Não por acaso, qualquer sujeito que assuma ou se aproxime do roteiro da feminilidade é reprimido e censurado, de modo a garantir a permanência da dicotomia entre oprimidas e opressores. Nesse contexto, as violências enraizadas pelo machismo afetam diretamente a condição feminina, chegando, em muitos casos, ao limite da morte — seja simbólica, seja física.

Compreender o patriarcado como estrutura fundante da sociedade é essencial para entender seus efeitos sobre todas as relações humanas. Nas palavras de Joan Scott,<sup>6</sup> trata-se de uma categoria útil para a análise histórica das relações. Por isso, seria impossível pensar qualquer tecnologia — seja digital ou analógica — que não esteja atravessada pelas relações de gênero produzidas pelo patriarcado.

### **A sala de estar**

Seguindo para o próximo cômodo da casa, apresento o conceito de *deepnudes*. Esse termo designa uma das aplicações possíveis das tecnologias chamadas *deepfake*. Como explicam Ana Gabriela<sup>7</sup> e Ximena Cuzcano-Chavez,<sup>8</sup> o termo vem do inglês: *deep*, ligado ao aprendizado profundo (*deep learning*), e *fake*, que significa

---

<sup>6</sup>SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade. 20 (2), Jul-dez., 1995, o. 71-99.

<sup>7</sup> FERREIRA, Ana Gabriela. **Deepfake como questão de gênero**. In: SOUZA, Gustavo; SILVA, Tarcizio (org.). Enfrentando Deepfakes. Desvelar: Brasília, 2025. Disponível em: [desvelar.org/enfrentando-deepfakes](https://desvelar.org/enfrentando-deepfakes). Acessado em 24 de agosto de 2025.

<sup>8</sup> CUZCANO-CHAVEZ, Ximena. **Deepfakes e nudez não consensual**: o papel da IA na ampliação da violência de gênero digital [vídeo]. In: 15º Fórum da Internet no Brasil (FIB15), 27 maio 2025, Salvador. 2025. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZeopNYtFDuY>>. Acesso em: 24 ago. 2025.

falso ou falseável. Em resumo, trata-se de uma técnica de reprodução imagética, sonora ou textual capaz de, a partir de elementos reais, criar representações irreais. O *deepnudes* é uma variação específica dessa tecnologia, em que imagens ou sons são manipulados para produzir nudes falsos.

Pois bem, apresentados os (in)cômodos da casa, avanço agora para as reflexões construídas com adolescentes sobre como o patriarcado, enquanto produtor de discursos de gênero, cria e reproduz violências através das tecnologias — neste caso, especificamente das *deepfakes*, em sua faceta dos *deepnudes*.

Ao buscar rapidamente na *App Store* do meu celular, aplicativos de *deepfake*, utilizando especificamente esse termo, percebi que, entre os cinco primeiros resultados, quatro já traziam imagens de mulheres erotizadas como propaganda. Ao repetir o exercício na *Play Store*, encontrei resultado semelhante.

A seguir apresento alguns exemplos de propaganda dos aplicativos disponíveis no App Store:

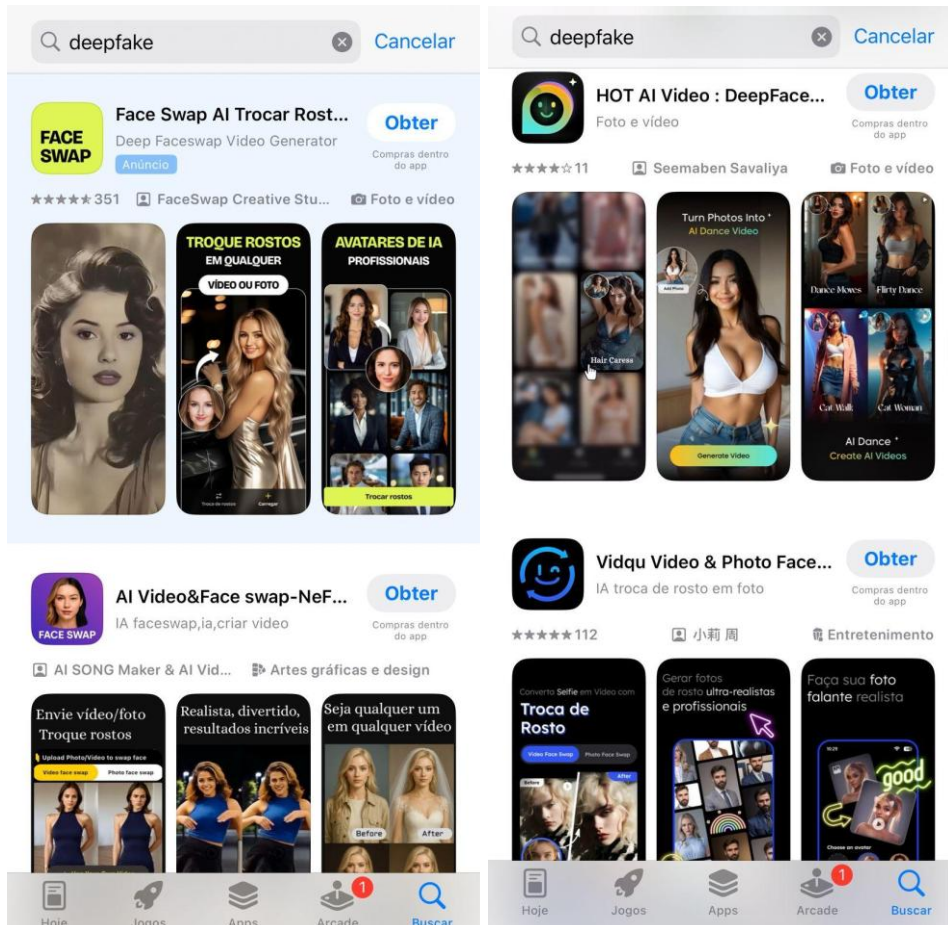


Imagem 1. Elaboração própria (2025) a partir de capturas de tela.

Aproveito este momento, tanto por acessibilidade quanto por interpretação, para descrever as imagens. À direita da tela, aparecem quatro aplicativos. O primeiro se apresenta como uma IA voltada à alteração de rostos, exibindo majoritariamente imagens de mulheres. O segundo descreve-se como uma IA para vídeos e modificação de rostos; todas as imagens usadas, inclusive a logomarca, são representações ditas ou socialmente assimiladas como femininas. Já a captura à esquerda inicia com um aplicativo intitulado “HOT IA”, que utiliza unicamente imagens associadas a mulheres em contextos socialmente lidos como “sensuais”, emitindo uma mensagem comunicacional nítida sobre suas intenções.

O último aplicativo, também voltado à edição de vídeos e imagens, apresenta-se como um serviço de troca de rostos. As imagens usadas em sua propaganda mostram duas mulheres e um homem, todos com aparência enquadrada no chamado “padrão estético”. Quando menciono esse padrão, leia também “brancos” — um aspecto recorrente em quase todas as imagens de divulgação, com exceção da primeira.

Mas afinal, o que explica a escolha recorrente de representações femininas erotizadas para divulgar esses aplicativos?

A resposta nos remete novamente ao patriarcado. Nesse sistema opressivo, o homem é centralizado como o *Ser*, enquanto as mulheres e o signo do feminino são posicionados como o *Outro*. Nesse arranjo, certos elementos foram associados ao “primeiro sexo”,<sup>9</sup> e um deles é o prazer. Como detentor do falo, ao homem seria atribuído o poder de sentir prazer; à mulher, caberia a obrigação de fornecê-lo.

Inserida nesse contexto, a internet — assim como qualquer produto tecnológico — atua como utensílio de reprodução das estruturas sociais, incluindo as sexuais. Assim, enquanto os homens são socialmente reconhecidos como sujeitos do prazer e as mulheres como suas provedoras, não surpreende que a construção imagética das propagandas de aplicativos de manipulação de imagens se apoie majoritariamente

---

<sup>9</sup> BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

em corpos femininos erotizados. Trata-se apenas de mais um sintoma explícito das relações sociais patriarcais.

A mulher, enquanto produto sexual do homem, é também “castrada” de seu direito ao prazer. O desejo, o corpo e até a própria erotização tornam-se sinônimos de vergonha e humilhação. É exatamente isso que produtos tecnológicos de *deepfake*, quando usados em contextos sexuais e erotizados, buscam produzir nas mulheres.

Trata-se de uma tecnologia concebida, desde o design até a comercialização, para responder aos desejos sexuais masculinos e reforçar a repressão e a punibilidade do prazer feminino. Semelhante ao que ocorre com a chamada “pornografia da vingança” — termo problemático, já que “vingança” pode sugerir uma justificativa pré-existente para a violência —, a produção e circulação de *deepnudes* está profundamente conectada ao prazer masculino em punir e reprimir a liberdade sexual de meninas e mulheres. Em última instância, trata-se do desejo de imputar ao *Outro* o medo de sua própria existência.

Essa tecnologia, no entanto, pode ir ainda mais longe. Em conversas com adolescentes sobre sexo, desejo e repressão sexual como noções produzidas pelo patriarcado, emergiu a reflexão de que uma das facetas possíveis do uso desses aplicativos é também a acentuação do prazer masculino. Ou seja, enquanto mulheres são punidas e envergonhadas pelo prazer, homens são incentivados a venerar o falo. Essa equação pode resultar, inclusive, no desejo de usar os próprios aplicativos para falsear órgãos genitais e construir a performance da virilidade tão exigida pela masculinidade hegemônica.

Dar conta dos desafios dessa masculinidade é um dos ônus do patriarcado: um preço que, desde cedo, pessoas lidas como masculinas são socializadas a pagar, com todos os atravessamentos e pressões que isso implica, e os atravessamentos pelas tecnologias, sem dúvidas, também impactarão diretamente nisso.

O patriarcado, enquanto matriz social, está profundamente imbricado em nossas relações, de modo que não existe tecnologia que não seja, de alguma forma, produzida ou adaptada para seus fins. Isso se explica também porque o patriarcado é lucrativo. Como os maiores meios de produção e acúmulo de bens estão historicamente concentrados nas mãos dos homens, torna-se mais rentável que

aplicações tecnológicas sejam impulsionadas pelas lógicas do consumo sexual: propagandas que utilizam mulheres como produtos e que, ao mesmo tempo, exaltam o prazer masculino.

O debate sobre tecnologia e regulação — seja de plataformas, de inteligência artificial ou de serviços digitais em geral — precisa se atentar às desigualdades que estruturam nossa sociedade. Classe, raça, gênero, sexualidade e tantas outras dimensões não apenas atravessam esses processos, como são capturadas para a construção e circulação das ferramentas digitais. No fim, quando o lucro é colocado como objetivo maior, essas desigualdades deixam de ser acidentes de percurso e tornam-se engrenagens centrais da lógica tecnológica.